

Desemprego em alta e rendimento do trabalho em baixa no Nordeste

A economia brasileira continua a sinalizar quadro recessivo, tendo em vista que o Produto Interno Bruto (PIB) registrou queda de 5,4% no primeiro trimestre de 2016 em relação ao mesmo período do ano anterior, conforme o IBGE. Com a tendência de enfraquecimento da atividade econômica, o mercado de trabalho apresenta um cenário adverso, com altos índices de desemprego e queda no rendimento médio real no segundo trimestre de 2016.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua do IBGE, a taxa de desocupação foi de 11,3% no segundo trimestre de 2016, aumento de 3,0 pontos percentuais em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, ou seja, mais de 3,2 milhões de pessoas passaram a procurar por uma vaga de trabalho. Já o rendimento médio real de todos os trabalhos foi de R\$ 1.972,00, menor em 4,2% em relação ao mesmo trimestre de 2015. Ou seja, na medida em que o desemprego avançou no Brasil, verificou-se que a renda do trabalhador desvalorizou-se em proporções maiores, para o mesmo período analisado.

No contexto regional, houve crescimento na taxa de desemprego em todas as cinco regiões do País no comparativo entre o segundo trimestre de 2016 com o mesmo período do ano anterior. Em paralelo, registrou-se desvalorização da renda média do trabalho em todas as regiões, como mostra a Tabela 1. A desvalorização do rendimento médio do trabalho ocorreu de forma mais acentuada em comparação com o crescimento do desemprego no período analisado, com exceção da região Norte.

Tabela 1 - Taxa de desocupação e rendimento médio real – Brasil e Regiões: 2º trimestre – 2016

Regiões	(%) Taxa de Desocupação	Var (ponto percentual)	Rendimento ⁽²⁾	Var (%) ⁽¹⁾
Sul	8,0	2,5	2.133,00	-4,9
Centro-Oeste	9,7	2,3	2.230,00	-4,1
Norte	11,2	2,7	1.538,00	-1,6
Sudeste	11,7	3,4	2.279,00	-4,3
Nordeste	13,2	2,9	1.334,00	-4,6
Brasil	11,3	3,0	1.972,00	-4,2

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE. Notas: (1) Variação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. (2) Rendimento médio real habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas em todos os trabalhos.

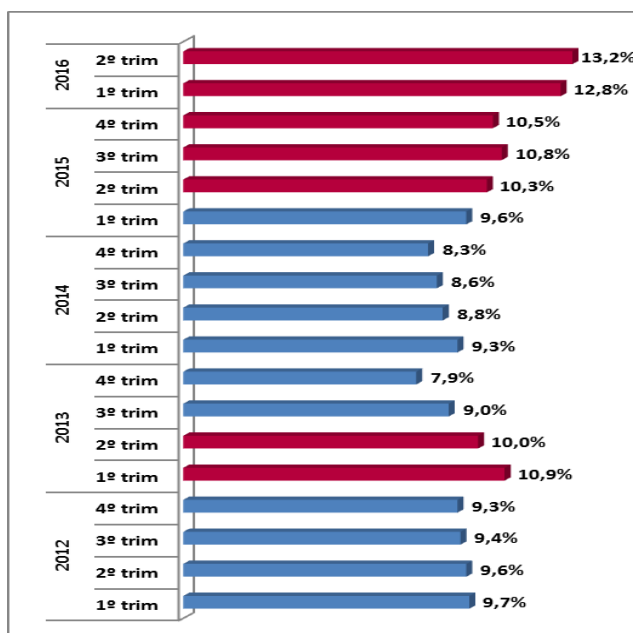
O Nordeste vem apresentando as maiores taxas de desocupação desde o início da série, iniciada em 2012, e no segundo trimestre de 2016 registrou pico de 13,2% frente aos 10,3% registrado no mesmo trimestre de 2015, aumento de 2,9 pontos percentuais (Gráfico 1). A taxa de desemprego regional

segue acima de dois dígitos desde o segundo trimestre de 2015, período que coincide com o arrefecimento da economia do Nordeste.

De forma similar, ao longo de toda a série, o Nordeste registrou os menores rendimentos médios entre as cinco regiões. Na comparação entre o 2º trimestre de 2015 e o de 2016, assinalou-se uma redução significativa do rendimento médio real, passando de R\$ 1.398,00 para R\$ 1.334,00, ou seja, desvalorização em 4,6% no período em análise. Este cenário desfavorece tanto os avanços sociais quanto os econômicos conquistados, pois à medida que as taxas de desocupação aumentam, as remunerações médias se desvalorizam em proporções maiores, seguindo a mesma constatação dos indicadores nacionais.

Com o fraco desempenho da atividade econômica, concomitante o crescimento dos índices inflacionários, o cenário do mercado de trabalho regional se deteriora, refletindo tanto no aumento do número de pessoas desocupadas quanto na diminuição do rendimento anual médio do trabalhador. Em suma, o bem-estar do trabalhador declinou sensivelmente entre os dois trimestres em análise.

Gráfico 1 – Taxa de desocupação trimestral entre 2012 e 2016 - Nordeste



Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Custo da construção civil continua em elevação no Nordeste

O **Índice Nacional da Construção Civil (Sinapi)**, calculado pelo IBGE, apresentou variação acumulada nos últimos doze meses de 6,47%, com 3,56% (materiais) e 9,83% (mão de obra). De janeiro a julho deste ano, o índice nacional acumulou crescimento de 4,81%, composto por 2,30% nos materiais e 7,68% na mão de obra.

O custo nacional da construção, por metro quadrado subiu para R\$ 1.009,76 em julho, sendo R\$ 527,97 relativos aos materiais e R\$ 481,79 à mão de obra. Os custos regionais, por metro quadrado alcançaram R\$ 1.017,74 (Norte); R\$ 938,97 (Nordeste); R\$ 1.060,85 (Sudeste); R\$ 1.034,04 (Sul); e R\$ 1.000,06 (Centro-Oeste).

Para o mês de julho, o Sinapi identificou que foi no Nordeste onde ocorreu a maior elevação desse índice (0,48%), superando em mais que o dobro a variação nacional (0,20%). O Maranhão foi o principal responsável por este resultado, na medida em que registrou aumento de 2,25%, o maior do País, conforme o IBGE, decorrente da pressão exercida pelo reajuste salarial do acordo coletivo.

Este quadro fica melhor representado quando se observa o comportamento dos dois principais componentes deste índice para o Nordeste: a parcela dos materiais apresentou queda de 0,40%, enquanto o componente da mão de obra apresentou alta de 1,57%, a maior dentre todas as regiões, para o mês de julho.

A elevação do custo da construção no Nordeste superou a nacional tanto em 12 meses (6,88% na Região ante 6,47% no Brasil), quanto no primeiro semestre deste ano (5,51% na Região ante 4,81 no País). A elevação do custo da mão de obra for determinante para esses resultados, conforme se observa na Tabela 1.

Tabela 1 – Índice da Construção Civil – Brasil e Nordeste

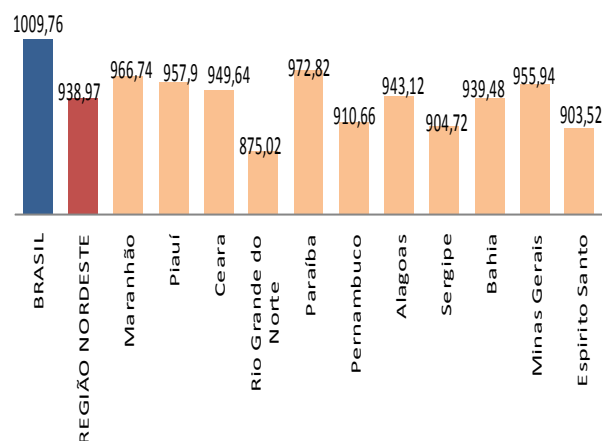
Sinapi	No Ano		12 Meses	
	Material	Mão de Obra	Material	Mão de Obra
Brasil	4,81		6,47	
	2,30	7,68	3,56	9,83
Nordeste	5,51		6,88	
	1,75	10,41	3,56	11,15

Fonte: Elaborado pelo BNB/ETENE, com dados do IBGE.

Por outro lado, percebe-se que os custos por metro quadrado no Nordeste (R\$ 938,97) são os menores dentre as regiões. Mesmo quando comparados entre as unidades da federação, todos os estados da Região apresentam custos menores que os das demais, com exceção de Minas Gerais (R\$ 955,94) e Espírito Santo (R\$ 903,52) que registram valores aproximados aos do Nordeste. Os custos mais elevados, no Nordeste, encontram-se na Paraíba

(R\$ 972,82), Maranhão (R\$ 966,74) e Piauí (R\$ 957,90), enquanto o Rio Grande do Norte tem o menor valor do País (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Custo médio da construção civil-R\$/m2-Em julho de 2016



Fonte: BNB/ETENE, com dados do IBGE.

A elevação nos custos da construção civil ocorre apesar do quadro de desaquecimento do setor que, no primeiro semestre de 2016, foi marcado por ociosidade, queda nas vendas de materiais de construção, perda de postos de trabalho, tanto no Brasil quanto no Nordeste, conforme dados publicados pelo IBGE e divulgados na edição de 18 de agosto do **Diário Econômico ETE-NE**. Assim, além de sentir os reflexos do desaquecimento do setor imobiliário e a paralisação das grandes obras de infraestrutura, a construção civil vem registrando elevações em seus índices de custos, inclusive acima das taxas de inflação, como é o caso dos custos da mão de obra.

A demanda imobiliária reprimida, por parte das famílias e empresas, resultante da própria retração econômica do País, o freio nos investimentos públicos, aliados ao aumento nos custos de materiais e mão de obra, podem levar a postergação de investimentos imobiliários, retardando a recuperação do setor. Vale destacar que a construção civil se configura em importante indutor da atividade econômica e do emprego, seja pela sua participação na composição do PIB, seja pelo seu caráter transversal, ou intersectorial que tanto influencia quanto é afetado pelo desempenho de outros setores e pelo próprio ritmo econômico do País.

O SINAPI (Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil), conhecido como o Índice Nacional da Construção Civil, é calculado pelo IBGE desde 1969 e tem como objetivo a produção de informações de custos e índices de forma sistematizada e com abrangência nacional, visando à elaboração e avaliação de orçamentos, como também acompanhamento de custos.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Gerentes Executivos: Airton Saboya Valente Junior, Leonardo Dias Lima, Luciano Jany Feijão Ximenes e Marcos Falcão Gonçalves. Equipe Técnica: Allisson David de Oliveira Martins, Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, Jackson Dantas Coelho, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliane Cordeiro Barroso, Luiz Fernando Gonçalves Viana e Wellington Santos Damasceno. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Projeto Gráfico: Ronildo Sampaio Cardoso. Diagramação: Gustavo Bezerra Carvalho. Estagiária: Francisca Crisía Diniz Alves. Jovens Aprendizes: Anderson Acioly da Silva e Lucas Sousa dos Santos.

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias desde que seja citada a fonte.